



## Nossas Escritas na Escola e as Escritas da Escola em Nós

Profa. Dra. Cecília Warschauer

Texto publicado originalmente na revista *E.PSI.B.A. Psicopedagogia* (Revista da Escuela Psicopedagógica de Buenos Aires), n. 5, 1997.

### Uma história que começa com a aluna que fui ...

As lembranças de minhas primeiras experiências com escrita na escola não são boas. Fui aluna retraída, com grupo pequeno de amigas, letra miúda e “muito feia”, segundo “parecer psicológico”, feito quando completava 8 anos e iniciava a 2ª série. Tinha dores de barriga sempre que a professora de português falava em redação. Não sabia sobre o que escrever. Lembro-me na 5ª série, com 11 anos, portanto, de ter me dirigido à professora com uma redação “corrigida” nas mãos, perguntando porque ela havia riscado alguns trechos, pois, por mais que eu procurasse, não encontrava ali um erro. Com uma gargalhada, na frente dos colegas da classe, explicou-me a professora que algumas coisas são óbvias e que, por isso, não devem ser escritas. Ela referia-se aos seguintes trechos daquela redação: “a teoria é diferente da prática” e “a meu ver”, pois era também óbvio que se *eu* estava escrevendo, tratava-se da *minha* opinião. Na época acatei, *obviamente*, a correção, já que *ela* era a professora. Hoje, *a meu ver*, a única obviedade está no fato daquela gargalhada ter-me retraído ainda mais e alimentado a dor de barriga para escrever.

Foi naquele período que comecei a escrever Diário, contando para mim mesma do que gostava, do que não gostava, o livro que lia, as brigas entre os irmãos, as expectativas na escola...Tenho até hoje aquele caderno e os que se seguiram, onde não só me permitia escrever, como o fazia com prazer. Aquele era o *meu* espaço, onde vivia a permissão de dizer o que pensava. Hoje, como pedagoga, posso reler aqueles pensamentos, descobrir os desejos ali expressos, assim como perceber o que sentia e tentava expressar naquela redação escolar, tão criticada pela professora. A “diferença entre a teoria e a prática” que vim a sentir durante o curso de Pedagogia foi o centro de minhas preocupações, pois a prática de muitos de meus professores não condizia com o que defendiam teoricamente. Além disso, muito pouco do que estudava na Universidade me auxiliava a pensar no trabalho com as crianças das classes de pré-escola e das séries iniciais do 1º grau, onde trabalhava naqueles anos em que fazia o curso de graduação.

Não me parece desprovido de significado, em fazendo esta breve releitura de “capítulos” de minha história de vida (escolar), o fato de ter-me dedicado, como profissional da educação, à busca de uma aproximação entre o que pensamos e o que fazemos, à criação de oportunidades na escola para a escrita da própria vida, com suas múltiplas possibilidades, e que estas buscas tenham se dado através do Diário. Felizmente, a escrita, como expressão de meus pensamentos, antes escondida, agora



pode ser mostrada e a menina retraída e insegura, pode permitir-se falar e até escrever, porque não precisa “acertar” sempre. Esta transformação foi lenta, sem dúvida. E outras lembranças da vida escolar poderiam dar algumas pistas de como se processou, mas basta por ora dizer que algumas professoras e educadoras foram decisivas neste caminho. E isto demonstra que é possível ressignificar experiências, reaprender, transformar-se, crescer. E a escola, aquela mesma responsável por tolher, pode ser a responsável por fazer desabrochar. E um dos caminhos para isso é permitir e incentivar a fala dos pontos de vista de cada um de nós, alunos(as) e professores(as), mesmo os óbvios, como este.

### **... e prossegue com a professora que sou**

O hábito de escrever os pensamentos em Diários vem desde a infância, como já contei. Mas veio a se revelar um hábito importante, também profissionalmente. Como professora, descrever cenas do cotidiano de sala de aula e refletir no Diário sobre esse cotidiano tem sido uma prática reveladora de caminhos e sentidos para a construção de vínculos, tanto com os alunos quanto com o próprio conhecimento, que vai sendo elaborado por meio da escrita.

Registrar a própria prática tem sido uma construção contínua, iniciada como professora de classes de Educação Infantil e das séries iniciais, depois como professora da disciplina Didática e Prática de Ensino no curso Magistério e na Universidade, como professora de Didática em cursos de Licenciatura. Nessas diferentes situações, os relatos diários ganhavam diferentes tons, ora mais descritivo do cotidiano, ora mais comparativo entre o planejado e o vivido, ou ainda analítico de alguns aspectos desafiadores. Dentre eles, a dinâmica das relações entre os integrantes do grupo ou a pesquisa de seus focos de seu interesse, para estabelecer relações com os conteúdos curriculares. Apesar dessas diferenças, o Diário mantinha sua função: propiciar um olhar distanciado, facilitando a reflexão e a criação de propostas de trabalho significativas para aquele grupo específico.

Mas a história vivida com cada classe não se encontra só nesses Diários, já que os alunos também faziam os seus registros das vivências e aprendizagens significativas. Registros esses que diferiam de grupo para grupo, mas quase sempre culminavam em registros coletivos em forma de livro. O livro da história daquele grupo. Cada grupo com seu caminho, estruturas e ritmos diferentes.

Por exemplo, uma classe de crianças de 4ª série fez, inicialmente, pequenos Diários individuais, onde cada um relatava cenas marcantes do dia anterior e partilhava seu texto com os demais. Esses textos eram partilhados com os colegas em nossa rotina de atividades de escrita, leitura e discussões. Nesses momentos, podiam conhecer diferentes pontos de vista sobre as mesmas cenas vividas por todos. Para esse grupo de crianças, escrever era uma atividade prazerosa, de modo que pudemos incrementar o desenvolvimento dos “itens do currículo” relativos à leitura e à escrita “falando” da nossa vida. A idéia de juntar essas histórias foi proposta por um aluno e vinha ao encontro de meu objetivo de uma apropriação coletiva daqueles aprendizados. Por exemplo, o de perceberem as diferentes possibilidades de interpretação de uma mesma situação. O livro coletivo se concretizou a partir da divisão de tarefas, da elaboração do cronograma e das várias revisões ortográficas, feitas também pelos alunos, finalizando com cópias para todos, de modo que cada um ficava com o seu “exemplar” do livro.



No ano seguinte, como professora da mesma escola, também com uma classe de 4ª série, o caminho percorrido foi muito diferente. Apesar da tentação de repetir a experiência bem sucedida com o livro feito pelo grupo do ano anterior, as diferenças entre os dois grupos eram marcantes, a começar pela “repulsa”, quase geral, com relação à escrita. Os textos eram produzidos por obrigação, porque a professora pedia. Textos, portanto, que careciam de vitalidade e significados pessoais. Enfim, uma nova classe, uma nova história a ser vivida.

Foi com muita dificuldade que fui fazendo a “leitura” dos interesses, dos “temas geradores” de significados daquelas crianças específicas. Fui, aos poucos, conhecendo aquele universo, do qual eu não fazia parte. A história vivida com essa classe teve como fio condutor o lúdico e o espaço dramático. A escrita para eles só veio a ganhar sentido no momento da criação coletiva de um texto para ser encenado e com a montagem de um álbum legendado com as fotos da peça. Foi a partir da organização, em conjunto, do material que se referia à peça que o desejo de montar um registro em forma de livro ganhou significado e, a partir daí, a proposta de escrever outros “capítulos” de nossa história com as situações marcantes vividas pelo grupo foi quase natural. Através daquela experiência teatral, coletiva, o grupo foi se construindo e o registro da história partilhada tornou-se o desafio, ao mesmo tempo que o ato de escrever pôde se vivido com prazer.

Apesar dos diferentes caminhos e formas, os registros coletivos da história vivida pelos grupos tinham a mesma função: deixar as marcas daquela história de convivência, de construção de saberes, onde cada um se vê naquele caminho coletivo e se apropria de seus aprendizados individuais. Indivíduo que assim se constitui pela troca e partilha com os outros.

Se cada indivíduo tem uma história, base de sua identidade, cada grupo também a possui. Porém, a prática docente, nascida de nossa história escolar e influenciada pelos cursos de formação inicial de professores, não tem, de maneira geral, se dirigido para a procura de caminhos específicos para cada classe, para cada novo grupo de alunos, a partir das características dos indivíduos e das relações pessoais ali estabelecidas. Talvez porque este não seja um caminho simples, nem padronizável. Demanda um artesanato intelectual de leitura de significados, tempo, paciência, criatividade e ousadia, para um percurso coletivo muito trabalhoso e que tem na reflexão sobre a prática, no Diário do professor, seu instrumento básico de trabalho. Mas, para mim, são essas histórias singulares, escritas com dificuldade, que me fazem acreditar que o esforço de educar e exercer esta profissão vale a pena.

A possibilidade da descoberta dos caminhos próprios de cada classe nasce da reflexão e dos registros: no Diário do professor, nos textos individuais dos alunos, nos planejamentos coletivos das atividades, pendurados nas paredes da sala de aula, ou nos livros coletivos. Mas outro eixo da reflexão, enquanto possibilidade de “leitura” e construção dos significados próprios de cada grupo é o que temos chamado de Roda, e se caracteriza pela rotina de encontros do grupo para pensar, dialogar, ouvir outros pontos de vista. A organização, ritmo e duração das Rodas também são próprios de cada grupo, de acordo com suas necessidades.



Com as classes de 4ª série, por exemplo, iniciávamos cada dia nos encontrando na Roda, sentados em círculo no chão, onde retomávamos os acontecimentos do dia anterior, falávamos dos projetos de trabalho iniciados e conversávamos sobre assuntos extra-escola, trazidos por um aluno que quisesse compartilhar, ouvir opiniões, propor atividades. O tempo previsto para as Rodas era de 15 minutos, mas quando desenvolvíamos outros projetos de trabalho ali, chegávamos a ficar 45 minutos (nessas épocas, replanejar o dia conjuntamente era a atividade final da Roda). Como professora, meus objetivos eram: garantir o espaço do “pensar sobre”, propiciar oportunidades para o aprendizado do ouvir, respeitar opiniões diferentes da sua, esperar a vez de falar, conseguir expressar seus pensamentos de forma organizada para ser melhor compreendido, perceber os diferentes pontos de vista sobre uma mesma situação, colocar-se no ponto de vista do outro, criar situações onde o conviver e o fazer coletivo fossem prazerosos.

E de onde veio essa proposta de enfatizar a experiência grupal em sala de aula? Percebo que a possibilidade deste trabalho com os grupos está atrelada a algumas vivências com Madalena Freire. Primeiramente, em 1982, quando estagiei em sua classe de Educação Infantil, conheci a Roda que fazia com os alunos. Depois, pude participar de seu Grupo de Formação de Educadores, de 1983 a 1986. A dinâmica de trabalho desse grupo de formação possibilitou-me sentir o que é participar de um grupo onde aprender e estudar são vividos com disciplina, afetividade, organização, flexibilidade e prazer.

A rotina de trabalho desse grupo incluía a redação de um texto individual reflexivo após cada encontro. Texto que seria copiado para todos do grupo, para ser lido e discutido. Interessante notar que os primeiros textos traziam referenciais estritamente individuais, centrando as reflexões na atividade profissional de seu autor. Mas, posteriormente, muitos textos ganhavam o caráter de “conversa escrita”, na medida em que um texto fazia referência a outro, demonstrando que a formação de um grupo se dá pelo fortalecimento e crescimento de seus integrantes, como indivíduos.

A história vivida por esse grupo de formação chegou a ser registrada coletivamente, numa coletânea dos textos individuais, que para nós que participávamos daquela história trazia em suas linhas e entrelinhas sentidos e significados preciosos, marcas de uma história de construção de sujeitos, de protagonistas, autores de sua história de vida, de sua formação.

Foi inspirada na dinâmica das Rodas das classes de Educação Infantil de Madalena e naquela que vivíamos em seu Grupo de Formação de Educadores que me propus a recriá-las quando assumi aquelas classes de 4ª série. Mas havia uma grande diferença nesse trabalho, pois se tratava de uma estrutura de ensino formal onde, diferentemente daqueles outros grupos, na 4ª série havia um currículo pré-estabelecido e regras institucionais também estabelecidas previamente. O desafio seria, portanto, articular o criativo com o instituído, os “projetos cheios de vida” com os conteúdos curriculares, assim como construir espaços e tempos diferentes dos estipulados pela escola, que comportassem os ritmos da Roda e das construções coletivas.

Após três anos de trabalho com as 4ª séries e a construção daquelas articulações, procurei aprofundar a compreensão dos aprendizados e forma de trabalhar com as



crianças, buscando novos interlocutores e estudos teóricos. Foi com essa finalidade que ingressei, em 1988, no Mestrado na Universidade de São Paulo.

Nesse esforço de aprofundamento e busca de compreensão teórica daquela prática, pude perceber que os eixos organizadores do trabalho com as crianças eram os mesmos do grupo de Madalena: a Roda e o Registro. Na Dissertação de Mestrado<sup>1</sup>, procurei aprofundar o conhecimento da metodologia utilizada, que envolvia as Rodas e os Registros como facilitadores da construção de conhecimentos significativos para o sujeito, porque o incluíam como pessoa.

Na Dissertação analisei o Diário do professor como uma das várias formas de registro da prática. Para tal, analisei meus Diários dos três anos de trabalho com as 4<sup>a</sup> séries e pude perceber como mudava o foco da escrita na medida da minha necessidade de autoconhecimento. Constatei, assim, contribuições do uso do Diário em minha autoformação. Primeiramente vale destacar que a própria rotina de escrever diariamente, após cada dia de trabalho, já representava o espaço-tempo para a reflexão. Mas essa disciplina de trabalho não era fácil, pois demandava uma luta contra o cansaço, a “falta de tempo” e o incômodo de trazer à tona situações nem sempre agradáveis. A descrição do vivido também facilitava o movimento reflexivo, pois possibilitava um maior distanciamento das situações vividas, o que é necessário para percebê-las melhor.

A comparação “planejado X vivido” também ajudava a analisar minha atuação e as concepções subjacentes ao trabalho. Ao mesmo tempo, essa comparação propiciava um re-planejamento diário de modo a haver uma maior sintonia entre as propostas de trabalho, a vitalidade e ritmos próprios daquele grupo de alunos.

Ao escrever, também procurava refletir sobre o desenvolvimento individual de alguns alunos, analisando sua inserção no grupo, na tentativa de compreendê-la no contexto de seu processo individual. Fazia o mesmo comigo, procurando analisar minha atuação, identificar os sentimentos e emoções despertados pelas situações, no contexto de meu próprio processo de aprendizagem.

Escrever diariamente foi (e tem sido) um exercitar da paciência, propiciando a percepção das transformações, mesmo que pequenas e lentas. Paciência com meus próprios “erros” e com os dos outros, além de um exercitar da humildade, pois essa é uma oportunidade “íntima” de fazer uma autocrítica. Ao mesmo tempo, essa escrita diária propiciava certa segurança, necessária para um trabalho criativo, sem moldes, pois a reflexão era como uma garantia de que eu poderia retomar, reiniciar, repropor aos alunos. Percebo que este aspecto da segurança é fundamental, pois um dos grandes problemas da profissão docente é a insegurança gerada pelos “modismos pedagógicos” e pelas reformas educativas, feitas de “cima para baixo”, que desconsideram os conhecimentos dos professores, aprendidos a partir de sua prática.

Com o término do Mestrado em 1991, assumi o papel de coordenadora pedagógica em uma escola de São Paulo, na perspectiva de recriar aqueles aprendizados em contexto e função diferentes. Nessa escola foi possível criar, junto com a equipe de professores, coordenadores e diretores, o espaço-tempo para as Rodas de alunos (inclusive nas classes de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries) e a Roda de Professores, para estudos coletivos e

---

<sup>1</sup> Essa Dissertação foi publicada com o título *A Roda e o Registro – uma parceria entre professor, alunos e conhecimento*, pela Editora Paz e Terra, São Paulo, em 1993.



o aprofundamento das reflexões. Em toda a escola, e não mais apenas em uma classe, tínhamos grupos de alunos e professores registrando o vivido e escrevendo livros sobre suas partilhas, contando suas histórias singulares nas Rodas, no pátio, nas salas, nos corredores.

Continuo escrevendo Diário, refletindo sobre diferentes aspectos dessa prática, agora mais partilhada, menos solitária, e vislumbro os próximos passos e desafios de meu aprendizado: novos estudos para aprofundamento teórico da proposta de intensificar a formação do corpo docente, inserida e continuada no cotidiano da escola, na Roda de Professores. Foi com esse objetivo que ingressei, em 1996, no Doutorado na Universidade de São Paulo. Mas esse será outro capítulo desta história.